

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

1 ABR 2000
Ardis florentinos
1 ABR 2000

• Já houve quem achasse Fernando Henrique racional demais para as artes da política. Mas a pele de raposa cresceu-lhe sem tosquiar a razão. Cordial demais para o jogo bruto do poder? Em alguns momentos ele é mau como pica-pau. Óbvio demais, disseram outros. Há tempo ele nos confunde embaralhando cartas. Conciliador? A seu modo. Batendo em cada aliado de uma vez.

Dizer que ele nos governa relendo as lições de Maquiavel seria ofensa. Elas tornaram-se parte do seu pensar e do seu agir, embora o pensador florentino seja dos que ele menos cita. A quem observa, é na administração da aliança política e seus conflitos que FH aplica com esmero o método que manda dividir para reinar. Se o reino está dividido entre PSDB, PMDB, PFL, PPB e PFL, conservá-lo exige mantê-los juntos, não necessariamente em harmonia. A intuição ou a sabedoria ensinaram a FH que não é com a justa distribuição de atenções ou concessões que se consegue isso. Mais eficaz é o conflito permanente, a briga com cada um a seu tempo. Agora, foi a vez do PFL.

Os tempos já foram duros para os tucanos que, além dos outros partidos, enfrentaram a onipotência da equipe econômica, casta à parte. Engoliram políticas contrárias ao ideário do partido, perderam postos cobiçados, sacrificaram candidaturas nos estados e até viram o presidente abraçar adversários históricos, como Paulo Maluf. Se chiavam, eram calados por FH, em nome da governabilidade.

O PMDB também levou seus trancos. Quando quis ou fingiu querer um candidato próprio em 1998, ouviu um ultimato. Humilhou Itamar Franco, que se foi, perdeu a hegemonia em alguns estados. Em algum momento, os caciques assustaram-se. O PFL e o PSDB tramavam para tirar o partido do Governo. FH autorizara, sabiam. Mas são daqueles para quem, fora

do poder, não há salvação. Aquietaram-se. Quando o PFL quis isolar o ministro Malan, no ano passado, esqueceram tudo que disseram da política econômica e deram colo ao ministro. Ganharam crédito.

Chegou a vez do PFL, que confiou muito em seu poder de fogo. Desde que FH caiu nas valas da impopularidade, vem o senador Antônio Carlos guiando-se pelo fino instinto. Comprou boas causas e sucessivas brigas com o Governo. Fez uma CPI que o projetou nacionalmente, levou a Ford para a Bahia desafiando iras paulistas, criou a comissão e o fundo de combate à pobreza. Em fevereiro, de asas crescidas, o PSDB tomou do PFL o posto de maior partido na Câmara. Um olé. FH consentira, todos sabem. Em resposta, o PFL abriu o debate para o salário-mínimo, questão que, ao contrário das outras, é fundamento da política econômica. Embora os bilhões que o Banco Central perdeu com o Proer não tenham ameaçado a estabilidade, os R\$ 26 a mais defendidos para o salário-mínimo açularam o conflito acumulado. ACM e o PFL experimentaram agora a malvadeza de FH. Mas a raiva do presidente já passou, dizem os seus. Numa soleinidade anteontem ele estava de novo sereno, afável, cordial. Ainda ali, autorizou a busca de uma saída honrosa para o PFL. Daqui a pouco, escala outro para o conflito garantidor da estabilidade. De novo, consumiremos energias discutindo mais uma crise.